

OLHAR LENTO

Anna Thereza de Carli Hanel



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES / DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
CURSO DE BACHARELADO EM ARTES VISUAIS

OLHAR LENTO

ANNA THEREZA DE CARLI HANEL

Porto Alegre
2019

ANNA THEREZA DE CARLI HANEL

OLHAR LENTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial e obrigatório para obtenção
do título de Bacharel em Artes Visuais.

Orientação:

Profa. Dra. Jéssica Araújo Becker

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Hélio Custódio Ferverza

Profa. Dra. Maria Ivone dos Santos

Porto Alegre
2019

CIP - Catalogação na Publicação

Hanel, Anna Thereza de Carli
Olhar Lento / Anna Thereza de Carli Hanel. -- 2019.
72 f.
Orientadora: Jéssica Araújo Becker.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Curso de Artes Visuais, Porto Alegre, BR-RS,
2019.

1. Arte e vida. 2. Cuidado. 3. Cotidiano. I.
Becker, Jéssica Araújo, orient. II. Título.

Resumo

Este trabalho pretende apresentar uma trajetória de pesquisa e experimentação sobre arte e vida a partir de um olhar atento ao cotidiano. A investigação é relatada em duas partes. A primeira se propõe a tratar a respeito do cuidado. Tecendo reflexões desde as práticas do grupo Fluxus e de pensadores como Safo de Lesbos, Carol Gilligan e Michel Foucault, defende-se o fazer do diário enquanto uma proposição artística. A segunda parte versa sobre algumas diferentes tentativas de voltar a atenção para as coisas do dia-a-dia. Tomando por base o viés situacionista e leituras de Georges Perec, David Lapoujade e Ailton Krenak, busca-se refletir acerca da arte nos tempos e espaços da rotina e da importância de olhar e criar narrativas para as coisas pequenas.

Palavras-chave: arte e vida; cuidado; cotidiano.

Sumário

Introdução	7
Viver com atenção / Tomando tento	12
Cultivar sementes e encontrar vestígios	26
Perguntar para alguém como está	
Contar para alguém o que aconteceu	
Olhar pra feira enquanto passa	
Considerações Finais	46
Apêndice	54
Bibliografia	66
Anexos	69

“depois de francis ponge, tenho pensado reiteradas vezes nos vegetais.
Menos até que pensado, tenho observado, simplesmente observado os vegetais”
estesias pg. 35

Introdução

“O mundo não é só uma constatação, ele é uma possibilidade.”
Ailton Krenak

Esse trabalho parte de uma reflexão maior, mas mira para o pequeno. Acredito em uma sociedade emancipatória, que nos leve a viver de forma comunitária, estreitar os laços entre nós, e manter uma relação harmoniosa, e não predatória, com a natureza. Isso tudo é muito grande e não há como mudar muita coisa sozinha. Mas andei aprendendo sobre a necessidade de cultivar certas práticas e sentimentos que, se não nos colocam em direção a essa sociedade, pelo menos não nos afastam dela.

A imaginação é uma delas. O pensador e líder indígena Ailton Krenak certa vez proferiu uma conferência, que foi posteriormente transcrita e publicada no livro “Ideias para adiar o fim do mundo”, em que falou sobre a relação que a nossa “humanidade” criou com o mundo ao nosso redor. Por vermos a natureza como uma coisa separada de nós, e em nome do desenvolvimento, mercantilizamos nossa relação com o meio-ambiente ao ponto de que, mesmo em face a um colapso planetário, não estamos sendo capazes de reformular nossos sistemas de produção e consumo desenfreados (KRENAK, 2019).

Em meio a tantos desastres ambientais, crises políticas e tensões sociais, é inevitável que se espalhe um sentimento derrotista, a sensação de que nos aproximamos de um fim de mundo. Como escapar, então? Imaginando outros mundos, responde Krenak (KRENAK, Ibidem). Me proponho neste trabalho a idear, humildemente, outras formas de viver, e se não tenho alcance para mudar as coisas grandes, levo o olhar para o que há de menor e mais banal, nossa vida cotidiana.

Não existe um só modo de ver. Quanto mais se demora o olhar, mais se pode perceber¹. O mundo é um lugar complexo e podemos criar muitas lentes, partir de muitos pontos, estabelecer muitas relações. No livro “As existências mínimas”, David Lapoujade, examinando a filosofia de Étienne Souriau, diz que quando olhamos para algo, tomamos posição de testemunhas desse algo. Essa posição necessita de complemento, nos pede que sejamos também advogados (LAPOUJADE, 2017). Isso é dizer que, ao vermos algo, podemos defendê-lo, afirmá-lo, advogar por sua existência.

¹ O artista catalão Antônio Muntadas nos lembra dessa questão em seu trabalho “Atenção: percepção requer envolvimento”, que percorre o mundo desde 2002 com cartazes, placas, lambes. MUNTADAS, Antônio. Serigrafia, 66X122cm, desde 2002. ANEXO 1.

As ações deste trabalho são esforços no sentido de advogar pela existência das coisas corriqueiras. Reiterar suas presenças. De formas diferentes, levar o olhar até elas, para que se possa estabelecer relações. Cada uma dessas relações será, então, uma nova realidade, uma nova existência desses objetos. Agora ele existe também através dos teus olhos.

Retirar um objeto da sua existência usual é uma forma de demorar seu olhar sobre ele. Quando junto algo da rua, é porque quero vê-lo por mais do que só o tempo de passar de olhos. Guardar objetos de memória em casa, ou escrever um diário, também. É se permitir retrair histórias². Sabe-se que a memória nunca é exata. Talvez porque seu propósito não seja conservar consigo tudo que já se passou objetivamente em nossa vida, mas nos permitir ter uma história. É a formação da nossa subjetividade, de nosso entendimento no mundo e acho que seja até, de certa forma, libertador que nosso inconsciente nos permita criar a partir dos fatos. É importante ter uma história, porque sem ela não se pode ir pra frente, e é importante também conhecer outras histórias. Tantas quanto o tempo permita.

Na hora de pensar sobre novos modos de vida, um aspecto-chave que trago é o **cuidado**. A palavra cuidar comporta diversos usos. Pode ser empregada, por exemplo, no sentido de cuidar de algo ou alguém, envolvendo uma dimensão de responsabilidade e cooperação; ou com a ideia de tomar cuidado, como alerta para um perigo. Acredito que o ponto em comum entre os significados esteja em torno da noção de atenção - de buscar perceber com mais calma ou precisão, de dedicar energia, se voltar para.

De maneira complementar, o cuidado é também pensado a partir de uma visão social. A partir de leituras da teoria da Ética do Cuidado, formulada originalmente pela pesquisadora Carol Gilligan nos anos de 1980, podemos compreendê-lo enquanto um conjunto de práticas e sentimentos como empatia, cooperação, altruísmo, conexão com o outro e capacidade de entendimento. Buscando se inserir e prestar atenção nas dinâmicas de cuidado do nosso dia-a-dia, podemos começar a ensaiar novas práticas para as pequenas e grandes esferas de nossas vidas, seja o cuidado consigo, com as pessoas, próximas ou distantes, ou com outros seres.

Dito isso, o presente Trabalho de Conclusão de Curso foi pensado enquanto uma reflexão a partir de temas da arte e da vida, em relação com as questões apresentadas acima, e incluindo proposições práticas. Essas ideias foram construídas a partir de um mapa de referências e vivências complexo, envolvendo pensadores oriundos de diversos campos do saber, artistas vinculados principalmente a arte contemporânea, e de muitos diálogos, acasos e inspirações místicas.

² Será que este desejo também movia o artista Kurt Schwitters ao construir a Merzbau? SCHWITTERS, Kurt. **Merzbau**, Hannover, 1923. ANEXO 2.



“o indivíduo artista é um produtor de memórias de todo o tipo que dissemina suas marcas. Que esconde, porém, a seiva que alimenta seu processo em seus carnês e correspondências.” maria ivone dos santos

Ele está construído em duas partes. A primeira trata do cuidado de si e é uma investigação sobre o tema começando por dentro. A partir da realização de um diário, busco estabelecer uma prática de atenção ao dia-a-dia. Tive como referências as ideias sobre arte levantadas por artistas do grupo Fluxus, o pensamento moral de Safo de Lesbos, as reflexões sobre o cuidado de Carol Gilligan e a ideia de cuidado de si proposta por Michel Foucault.

A segunda é um passo para fora, em busca de contato. Nela, trago reflexões sobre o vigor artístico e político do cotidiano tendo por base a leitura de textos situacionistas, e me questiono, de forma prática e teórica, sobre os limites entre a arte e a vida. Relato o processo inicial de um inventário que possa sugerir histórias. Uma coleção de artefatos e memórias sobre o cuidado e o dia-a-dia que segue em construção.

Tomei como opção escrever o texto tendo em conta a temporalidade com que as ideias foram se encadeando, a fim de dar conta da disposição processual da pesquisa. Procurei também demonstrar a inserção desse percurso de construção nas minhas dinâmicas pessoais e cotidianas, de forma a dar a ver as relações entre a pesquisa e a vida. Nisto, ofereço, como apêndice, relatos cotidianos que acompanham a leitura, apresentados em papel vegetal na versão impressa e ao final do texto na versão eletrônica.



primeiro tombo

saí de lá dizendo “é caindo que se aprende a levantar”, ainda sem saber exatamente o que é que eu tinha aprendido.

mas o presente é o corpo ou é o que tá na volta dele? pensei que meu joelho doía um pouco por causa do tombo de bicicleta, dói até agora, mas cada vez menos. terça de noite, ao tentar dormir, tive dificuldade pq minha dor no joelho me lembrava demais de estar ali e era difícil me concentrar em não estar sozinha

pensei em escrever esse boletim em papel jornal, que nem um jornal, mas com a mão

eu tiro muito tarot e acho que é uma forma de me fazer menos presente. eu não aguento mais pensar no futuro. mas aquele dia senti que devia ir. na verdade, tirei um primeiro tarot pra confirmar se eu devia ir tirar tarot

o segundo tarot me disse pra relaxar. ele disse que eu ando carente, ou eu que disse, e ele disse de outra forma, mas de qualquer maneira é verdade.

ontem minha orientadora disse que talvez eu seja mais uma personalidade pesquisadora do que uma artista, porque me frustrei quando fui tentar fazer algo prático. não sei, só vendo

Viver com atenção / Tomando tento

“A arte é o que faz a vida mais interessante que a arte.”

Robert Filliou

Lançar o olhar para o que há de mais próximo, para mim mesma e ao que estava ao meu redor. Foi assim que busquei começar este trabalho. Primeiro para o passado, pensando sobre o percurso que me trouxe até aqui. Busquei escutar ecos entre as coisas diferentes pelas quais havia me interessado desde que entrei na faculdade de Artes Visuais. Trabalho, em geral, a partir de questões muito próximas de mim. Com frequência me volto para cenas cotidianas, pessoas queridas, ambientes familiares. Também minha relação com os materiais e suportes costuma envolver um contexto de maior intimidade. Gosto de desenhar em cadernos e diários, e aprecio muito o trabalho em cerâmica principalmente pela relação tão pessoal que se precisa estabelecer com a argila.

Tanto no trato com os materiais quanto nos temas, traços e visualidades, aparenta que tudo cresce a partir de um terreno afetivo. Acredito que essas características sugerem a existência de um pano de fundo emocional para o quadro da minha produção, ainda que por vezes mais ou menos evidente. Tendo isso em mente, elegi o afeto como um dos fios narrativos possíveis para essa pesquisa

Compartilhando essa reflexão com minha orientadora em uma de nossas reuniões iniciais, recebi a proposta de registrar em uma folha coisas que eu vivesse até o encontro seguinte que tivessem relação com ele. Isso me permitiu entender melhor o que eu nomeava por afeto, explorar essas situações, suas particularidades e repetições, e perceber os sentimentos envolvidos.

Ao longo dos dias que se seguiram, me deparei com um espectro amplo de casos que me fizeram pensar sobre o afeto. Inicialmente anotei coisas mais evidentes, ter levado bolo para alguém, conversado com uma amiga, mas pensando sobre começou a me parecer que tudo que me acontecia envolvia uma dimensão de afeto, no sentido do verbo. Aconteceu de um dia eu cair de bicicleta, o que percebi como uma forma muito palpável de afeto. Outro dia, fiquei parada numa fila bem no cruzamento entre duas ruas movimentadas. Também me vi muito afetada, ainda que de uma forma inteiramente diferente. Fiquei pensando que talvez o afeto tivesse a ver com se fazer, ou ser feita, presente.

Naquele semestre, eu estava trabalhando como monitora da disciplina de Sociologia da Moral, ministrada pela Profa. Dra. Raquel Andrade Weiss nesta mesma universidade. Foi uma tentativa bem sucedida de me acercar novamente de temas das Ciências Sociais, depois de ter interrompido o curso em 2014 para entrar nas Artes Visuais. Durante as primeiras aulas foram feitas reflexões a respeito das raízes da noção moral hegemônica entre as sociedades ditas ocidentais que, retraçadas desde a filosofia socrática, demonstram uma forte dependência do conceito de razão, e, também, de outras tradições que permaneceram à margem.

A Prof^a Raquel recuperou o pensamento de Safo, a lésbica. De acordo com sua exposição em sala (informação verbal)³, Safo, mais conhecida enquanto poetisa, manteve em Lesbos uma escola só para mulheres onde se aprendia, além das artes literárias, a retórica e o amor. Sua concepção de amor era muito diferente do ideal platônico - um amor de Eros, sublimado, entre homens, que existe a partir da racionalização. No entendimento sáfico, que se constrói a partir do culto de Afrodite e Ares, o amor se dá nas relações entre todos, e é concebido a partir do corpo - mais precisamente através do coração e do útero. Era um amor visceral, e não racional; sentido, e não idealizado. Essa tradição, mantida na omissão durante séculos, tem sido valorizada recentemente por teorias feministas comprometidas com a recuperação de bases para outras moralidades possíveis (Imagem 1).

Entendo esse resgate como parte de um movimento maior que vem pondo em questão as lógicas fundantes do pensamento ocidental. No tocante a moral, especificamente, instigada pelas discussões levantadas nessa aula, fui procurar referências na bibliografia suplementar oferecida pela professora. Então me deparei com a *Ética do Cuidado*, pensamento que se propõe a repensar nossos ideais éticos a partir da percepção dos padrões de gênero que os estruturam, e sugere um novo paradigma que valorize o cuidado enquanto um princípio.

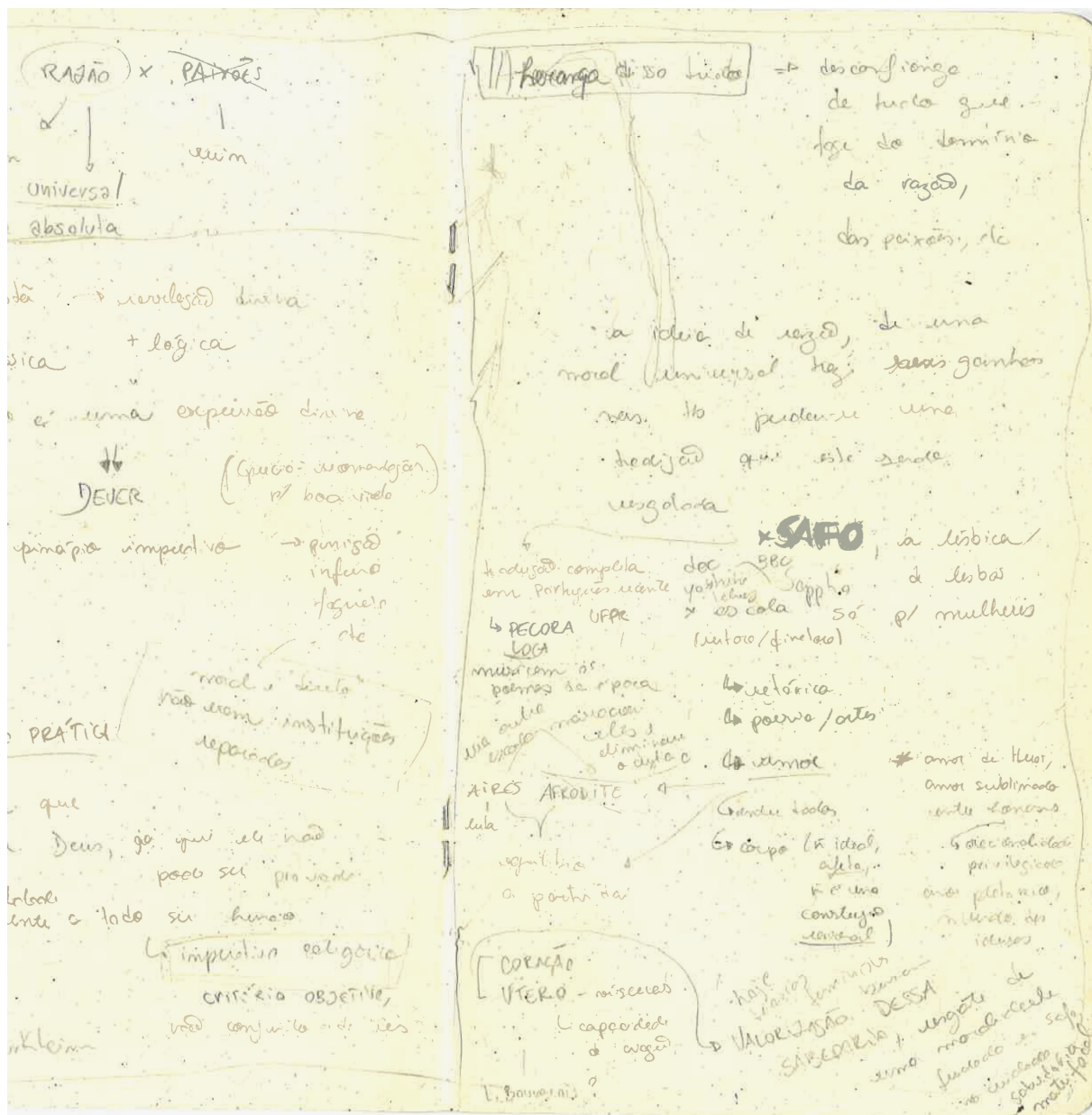
Esta teoria começou a se desenvolver a partir da publicação do livro *In a Different voice: Psychological Theory and Women's Development*, por Carol Gilligan (GILLIGAN, 1982), e tem por premissa central a percepção de que homens e mulheres têm diferentes “vozes” morais, sendo esta diferença produto do longo processo de construção da ética ocidental. A partir da estrutura patriarcal, existe uma divisão em que os homens assumem socialmente o espaço da racionalidade, que é o âmbito próprio da ética, e as mulheres o da emoção, onde se inscreve o cuidado.

³Aula da disciplina de Sociologia da Moral, vinculada ao Departamento de Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande Sul, ministrada pela Profa. Dra. Raquel Andrade Weiss no semestre de 2019/1.

cabeça que leva o corpo de reboque

ainda assim, o coração sabe bater, os pés sabem andar, a mão sabe escrever.

Imagem 1



Anotações de aula. Março de 2019.

Nisso, o primeiro lugar é valorizado em detrimento do segundo, gerando uma divisão hierárquica em que a posição masculina é privilegiada, de forma a justificar uma lógica de dominação social (KUHNNEN, 2014). A partir dessa constatação, desvelam-se as raízes de uma estrutura em que as decisões socialmente relevantes se tornam pertinentes aos homens, enquanto às mulheres sobram os espaços íntimos, as tarefas de casa, a criação dos filhos.

Considerando esta discussão pertinente para os rumos que eu buscava tomar, comecei a atentar à ideia de cuidado. Pesquisando sobre a etimologia da palavra, é possível encontrar

relatos sobre sua origem nos termos latinos *cogitare* e *curare*, ainda que seja mais frequente a atribuição ao primeiro. De acordo com a doutora em psicologia social Thereza Montenegro:

Na primeira, o sentido é de *pensar, supor, imaginar*; e, na segunda, *tratar de, pôr o cuidado em*. [...] O verbo *cogitare* tem sua origem em *co-agitare* e passou a designar a agitação do pensamento, revolver no espírito ou tornar a pensar em alguma coisa. É curioso notar como este verbo passou a significar unicamente a atividade do pensamento, como observou Santo Agostinho em suas Confissões (1984, p. 180): a inteligência reivindicou como próprio este verbo (*cogito*), de tal maneira que só ao ato de coligir (*cogere*) no espírito, e não em qualquer parte, é que propriamente se chama pensar (*cogitare*). (MONTENEGRO, 2001, p. 84).

Percebe-se uma afinidade inicial entre os conceitos de pensar e cuidar, que, segundo a autora, foi se desarticulando, na medida em que o cuidar foi vinculado a significações de caráter mais emocional, e o pensar passou a se restringir ao âmbito racional. Esta transformação, especialmente no tocante à observação de Santo Agostinho, se relaciona com o que seria muito mais tarde investigado pela Ética do Cuidado, e pelas revisoras do pensamento de Safo. Encontra-se, nas três reflexões, a percepção de uma divisão fundamental entre emoção e razão. A emoção é o espaço do corpo, dos sentimentos, da mulher. A razão, da lógica, da mente, do homem. É nessa cisão que os processos de validação do conhecimento e dos princípios morais de nossa sociedade encontram sustento.

Ponderando a partir dessas leituras sobre a importância de pôr em questão as visões que temos a respeito dessa divisão, e seu papel na construção de vivências e saberes, entendi enquanto um compromisso político abordá-la na forma como trabalho. Penso que essa é uma problematização presente na tentativa de identificar as situações de afeto do dia-a-dia. Olhar para o cotidiano em busca do sensível, do afetivo, nada mais é do que um esforço na criação de maneiras para fazer sentido do mundo a partir de novos paradigmas.

Me propus, portanto, a olhar para o cuidado, e a entendê-lo enquanto uma proposição epistemológica e ética. Para explorar a relação entre a arte e o cuidado, me pareceu, tendo em vista suas relações com o corpo, que o caminho se iniciasse por um movimento de perceber o meu próprio lugar no mundo, e suas implicações. Ter um corpo e pensar a partir dele significa reconhecer que esses pensamentos partem de um sujeito, de um contexto, e que quanto melhor nos apropriamos de nossos atravessamentos, mais coerentes e eficazes podem se tornar nossos feitos.

A abordagem que Foucault desenvolve no livro “A Hermenêutica do Sujeito” é elucidativa para pensar essas questões. O autor faz uma digressão até os diálogos socráticos

para resgatar a importância histórica da ideia de Cuidado de Si. Esse termo refere-se a “uma noção grega bastante complexa e rica, muito frequente também, e que perdurou longamente em toda a cultura grega: “[...] o cuidado de si mesmo, o fato de ocupar-se consigo, de preocupar-se consigo, etc.” (FOUCAULT, 2004, p. 4).⁴

O cuidado de si denomina não uma prática indulgente, de busca por prazeres, mas, ao contrário, uma constante busca por melhorar a si mesmo, laborar suas virtudes. Isso pode ser percebido tanto em uma atitude perante a vida, uma maneira de agir e estar no mundo, quanto em uma maneira de olhar, buscando voltar a atenção para si, para seus pensamentos. Além disso, pode-se referir também a fazeres voltados para o “crescimento” do próprio sujeito. É uma disposição e um agir sobre si mesmo, uma prática de si. É “um princípio de agitação, um princípio de movimento, um princípio de permanente inquietude no curso da existência.” (Ibid., p.9).

Entendo, pessoalmente, que o cuidado de si possa traduzir-se enquanto uma noção de responsabilidade por si. Um dar-se conta do lugar que ocupa neste mundo e de que é preciso que se tome um compromisso com sua potência. Compõe-se também, assim sendo, do movimento de se conhecer melhor. Voltar a atenção para si de forma a aprimorar a maneira que se vive. Tendo em vista a reflexão desenvolvida desde o início deste capítulo, estabeleço o cuidado de si enquanto um chão, a partir do qual posso procurar me inserir entre as potencialidades éticas, artísticas e epistemológicas do cuidado.

À essa luz, retomo a ideia dos registros cotidianos. Durante esse percurso de descoberta do cuidado, continuei a fazer anotações com regularidade. Conforme a pesquisa avançou, seus temas e formatos foram se alterando. O que no início via como uma espécie de boletim, entendo hoje como um diário que opera com uma função ambivalente: é, ao mesmo tempo, um método de pesquisa e uma proposição de trabalho (Imagem 2).

⁴ A teoria do cuidado de si se inscreve dentro de uma linha do pensamento originada na filosofia grega clássica, enquanto a Ética do Cuidado parte de um questionamento à essa perspectiva. Percebo que isso pode gerar uma contradição, mas acredito que, no que tange a esta pesquisa, essa questão não chega a representar uma incoerência expressiva. Este trabalho se propõe como uma incursão artística, não filosófica, e se permite tomar as teorias como pontos de partida incitadores de poéticas, sendo essas últimas os verdadeiros objetos de pesquisa.

Imagem 2

BOLETIM de PRESENÇA #1

02/04 - Car de bicicleta
15h30 na rua Sarmiento Leite

20h - Olhei o casamento no casamento
entre os meus General Lima e Silva
e Venência Aires, na Cidade Boa

20h30 - Recibi um pacote da
Pombagira Sete Santos muito lindo.

03/04 - Dormi no quarto de visitas porque
28h minha cama está cheia de roupas.

05/04 - Fiz leis japonesas, para a Lebrina
19h e para a Luiza

06/04 - Fui na praça com a Regina.
10h minha vó tinha morrido há um tempo
e eu queria colocar ela no túmulo para
não ter que mandar pro túmulo sem terra.
Na volta, a Regina correu pra frente de
uma moto. O motorista desviou.

20h - Fiz bolinhos de churrasco para mim;

07/04 - Fui na praça com a Regina e fiz bolo para
Foi aniversário da minha ex e prometi
que faria pra ele também, de presente.

Lembro de vc me falar uma vez
que com o remédio pra
ansiedade vc sentiu como se
tivesse um rádio sempre ligado
perto de você é alguém tivesse
ido é desligado ele

deixar o feijão de molho por pelo menos 12h antes de cozinhar,
ter uma planta,
secar ervas para fazer chá,
dormir no sofá às vezes,
dormir com a janela toda fechada às vezes,
comprar sabonete de coco direto na feira e reaproveitar as embalagens,
congelar as cascas dos vegetais para fazer caldo,

O que me interessa é essencialmente sua prática, o momento de pausa e reflexão que deriva de sua realização. Os textos resultantes não são vistos a partir de qualquer disposição literária, são testemunhos. É um momento de liberdade. Acredito que seja justamente o espaço onde tudo pode caber, desde as anotações mais banais do meu cotidiano, os momentos de desabafo, devaneios, lembretes, até pensamentos a respeito da própria pesquisa (Imagem 3).

O diário é um exercício de auto atenção, uma interrupção no tempo para pôr os olhos novamente sobre o que costuma passar muito rápido. Faz olhar com mais cuidado ao cotidiano, à relação que se tem com ele, aos pequenos acontecimentos, e, principalmente, a si mesmo. Vejo, por isso, a possibilidade de, através dele, estabelecer uma prática de si. É uma estratégia para explorar seu encaixe com o mundo, o lugar que se ocupa, as tensões que o compõem, e lembrar-se dos seus valores; e, assim, buscar uma maneira de viver mais potente e mais coerente consigo.

Não escrevo todos os dias, mas escrevo a maioria deles. Às vezes conto o que aconteceu no dia, fazia isso de forma mais sistemática no início, outras vezes só comento sobre algum assunto específico. Também faço anotações sobre leituras, aulas. É importante que seu formato seja aberto, mutável, e busco não discriminar entre o que é assunto de registro ou não, de forma a captar o máximo de informações possível. Por isso, muitas das mudanças no trabalho apontaram primeiro aqui. A partir da anotação também ocorre uma produção de memória sistematizada que permite voltar a assuntos dias depois. Nessa medida, o diário alimenta o processo de pesquisa e produção, e cria uma espécie de acervo dos dias, que enseja pensar desdobramentos.

Sendo esse trabalho fundamentalmente sobre o cotidiano, a atenção e o cuidado, penso que o fazer do diário já seja em si uma proposição artística. Aqui se levanta uma questão a respeito das definições e limites da arte, questão essa que acredito ser muito mais valiosa por suas possibilidades de tensionamento do que por qualquer tentativa categórica de resposta. A respeito das muitas investidas históricas de demarcar um conceito para a arte, Élica Tessler escreve:

Digamos que esta seja uma necessidade intrínseca à essência mesma da produção artística: a criação de zonas de incertezas, onde o que sabemos sobre a realidade que nos cerca choca-se com um jogo de informações que vêm da ordem do sensível, do subjetivo, do inesperado. (TESSLER, 1996, p. 58)

Imagem 3

Toda hora na cabeça o pensamento de quanto
eu poderia ter estudado se eu tivesse estudado
desse jeito desde o início. Mas aí eu mesmo
me rebato: não teria como ter estudado
desse jeito desde o começo. Agora que eu encontrei.
Encontrei o que? Meu remédio pra ansiedade hohi
Uma forma que eu não usi
mas sinto os contornos quando
me aproximo

Esse é o começo da pesquisa.

Estar fazendo o rcc desde o início, táano, e
mesmo assim fazer o rcc inteiro em duas semanas.

Isso é como eu me sinto. Mas eu fiz mesmo desde o
início, no banco, tá estudando direto desde março.

É a sensação de chegar aqui agora e estar
no começo da pesquisa. ~~É~~ como um rio
pequeno que deságua num maior. ~~É~~

Graças a Deus que eu desaguei. Pra tudo que eu
~~olho~~ ~~tenho~~ ~~crio~~, ~~PAR~~ ~~CAUS~~ mas não der caldinho.
É ancora calda
dizia aquela parede

é chuva repentina. belíssima.
daqui de cara

o negro parece que eu não passo o suficiente sobre
o mundo, só fico girando em torno de mim mesma

Acredito que esse tenha sido justamente o movimento praticado, por exemplo, pelo grupo Fluxus, nos anos 60. Fluxus foi um grupo composto por artistas de diferentes mídias, que defendiam ideais ligados ao fim da distinção entre arte e vida e à hibridização dos meios artísticos. Construindo relações com a música experimental, a exploração urbana e a teatralidade, o movimento defendia também que a arte estivesse vinculada a objetivos sociais, ao contrário das ideias de arte pela arte. Dentre seus membros, destaca-se George Maciunas:

O que George Maciunas pretendia, acima de tudo, na atmosfera poética do trabalho de que foi iniciador, era uma arte feita de simplicidade, antiintelectual, que desfizesse a distância entre artista e não-artista, uma arte em estrita conexão com a normalidade da vida e segundo princípios coletivos e finalidades visceralmente sociais. (ZANINI, 2004)

O grupo tinha uma posição radical. Suas práticas eram entendidas como meio de transição a um fim onde as belas artes já não existissem - ao menos não de forma institucionalizada -, e realizavam ações confrontadoras (Ibidem). Suas proposições artísticas e teóricas serviram para abrir um importante precedente na história da arte e servem de influência direta (e indireta) para incontáveis iniciativas e reflexões posteriores, inclusive para este trabalho.

Dentre as propostas artísticas de característica Fluxus, tive contato mais profundamente com “A História Sussurrada da Arte”, de Robert Filliou. Participei, este ano, de uma ação pensada a partir dela juntamente com o grupo Semillero, orientado pela Profa. Dra. Jéssica Araújo Becker, no Projeto Grafite de Giz, coordenado pela Profa. Dra. Laura Castilhos. Trago aqui a transcrição de um trecho do texto base criado por Filliou, em tradução realizada pela professora:

1.
Tudo começou em um 17 de janeiro, há um milhão de anos
Um homem pegou uma esponja e a introduziu em um balde com água.
Seu nome não tem importância.
Ele está morto, mas a arte está viva.
Não há necessidade de nomes nessa história.
Como dizia, um 17 de janeiro, pelas 10 da manhã,
há um milhão de anos,
um homem estava sentado, sozinho, perto de um riacho.
Para onde vão os rios, se pergunta, e por quê?
Isso é, por que correm os rios.
Ou por que correm aí em direção aonde correm.
Esse tipo de coisas.

Eu, um dia, observei um padeiro em seu trabalho.
Depois a um ferreiro, depois a um sapateiro.
No trabalho.
E me dei conta de que o uso da água era essencial em seu trabalho.
Mas talvez o que me chamou a atenção não tem nenhuma importância.

Contudo, do 17 passamos ao 18,
depois ao 19, ao 20
ao 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30
ao 31.
Janeiro
Assim passa o tempo.

(FILLIOU, 2003, p.38)

A maneira como Filliou se refere à arte neste texto exemplifica a posição Fluxus a respeito da relação entre arte e vida. Aqui não há separação entre elas, ambas ocupam um mesmo espaço. Para mim, parece que o que lhe importa é o momento que prende a atenção, sem que faça diferença qual foi a fonte disparadora desse movimento. Alguma coisa, na arte ou na vida, nos faz uma pergunta. A mim também aparenta que é esse o elemento essencial entre a arte e a vida. O momento em que se toma tento. De forma que me pergunto: viver com atenção, por si só, já não é uma forma de arte?

É nesta desconstrução dos limites entre a arte e a vida, pela qual o Fluxus tem grande responsabilidade, que busco me inserir ao propor o fazer de um diário enquanto uma proposta artística. Isso implica também outras questões: ele será exposto na banca? Se sim, como? Haverá desdobramentos? Refletindo a respeito, decidi apresentá-lo integralmente, como ele é. Quem quiser, poderá manipulá-lo. Acredito que seja a forma de acessá-lo mais verdadeira com o processo. O diário é um elemento da ordem do privado, e ler o diário do outro, mesmo que com consentimento, nos deixa no limite da sensação de estar violando uma intimidade. É um jogo entre a privacidade, o estranhamento e a identificação que tende a instigar nossa curiosidade.

Da mesma forma, expor o seu próprio diário é também uma ação potencialmente desconcertante. Existe uma diferença em fazer um diário que se sabe que será visto. Há um pensamento que interrompe, às vezes mais, às vezes menos, a naturalidade do fluxo de pensamento. Procurei evitar me censurar, mas seria ingênuo negar que há uma presença além de si, um interlocutor. Penso que é melhor, então, admitir e explicitar essa relação.

4. dez

sopra o vento, mãe, vendaval de axé
o tempo que tange o movimento, Oyá

Iansã, Eparrey



uma vez eu tava ficando com uma menina que disse que eu me alimentava como um pássaro (muitas sementes). lembrei disso hoje quando tava comendo sementes engraçado porque hoje de manhã ela perguntou como eu me sentia sobre pombas engraçado porque eu de fato andei pensando muito sobre pombas eu gosto de pombas, reparei esse ano ao contrário das outras capricornianas

Cultivar sementes e encontrar vestígios

“Interrogar o que parece tão evidente que esquecemos sua origem (...). Pois esse encantamento existiu, e milhares de outros, e são eles que nos moldaram.”
Georges Perec

“Como exprimir essa mudança em uma única palavra? Atenção. Mínima. Uma única e bela palavra. Mínima. Ela é mínima. Por isso o olhar persiste.”
Samuel Beckett

PERGUNTAR PARA ALGUÉM COMO ESTÁ

Se o diário era uma forma de olhar para mim, queria agora olhar também para fora. Segui, então, prestando atenção ao cotidiano, procurando os espaços do cuidado nas experiências coletivas, compartilhadas ou vividas em público.

Pensando no espaço público, comecei a buscar referências na Internacional Situacionista. A IS foi um grupo de vanguarda política e artística influente entre 1957 e 1972. Fundado em uma conferência na Itália, o movimento se formou a partir da fusão de diferentes grupos que já vinham atuando separadamente em diferentes países europeus, e se propunha a pensar e agir sobre a arte, o cotidiano, o espaço urbano, e a participação política (JACQUES, 2003, p. 16-18). Paola Jacques afirma, sobre o movimento:

(...)lutava contra o espetáculo, a cultura espetacular e a espetacularização em geral, ou seja, contra a não-participação, a alienação e a passividade da sociedade. O principal antídoto contra o espetáculo seria o seu oposto: a participação ativa dos indivíduos em todos os campos da vida social, principalmente no da cultura. (JACQUES, 2003, p. 13)

Como se pode inferir pelo nome, uma das vias de insurgência da IS era através da criação de situações. A situação é o fenômeno que se opõe ao espetáculo, uma junção de tempo, espaço e comportamentos; uma união de “gestos contidos no cenário de um momento” (IS nº1, junho de 1958. In: JACQUES, 2003, p.63). É um evento construído deliberadamente com o fim de gerar participação. Pode ser sugerido ou iniciado por apenas uma pessoa, mas tem, em seu desenvolvimento, caráter necessariamente coletivo.

Partindo de uma visão crítica da sociedade capitalista, o grupo se preocupava com as formas de vida em sua contemporaneidade. Entre o início da inserção das tecnologias de comunicação em massa, a arquitetura modernista e o crescimento dos centros urbanos, seus

membros denunciavam que cada vez mais as pessoas estavam ocupando uma posição passiva, inerte, se tornando espectadoras em sua própria sociedade. Dentro de um mundo que está todo programado, poucas são as situações onde há efetivamente possibilidade de participação, movimento, experiência. É nessa contramão que propunham a situação (Ibidem).

Passei a me perguntar onde esses traços de participação se faziam presentes no meu dia-a-dia, e o que isso tinha a ver com o cuidado. Chamaram minha atenção, inicialmente, momentos em que alguma situação de troca era estabelecida: cozinhar, conversar, apresentar alguém com algo significativo. Me voltei a essas situações e passei a explorá-las, investigar porque me interessavam, de que maneiras poderia registrá-las e o que poderia ser construído a partir delas. Este processo se assemelha ao processo situacionista:

Cada um deve procurar o que ama, o que atrai (...). Por esse método é possível fazer o levantamento dos elementos constitutivos das situações a construir: *projetos para o movimento desses elementos.*” (IS nº1, junho de 1958. In: JACQUES, 2003, p. 62)

Comecei a perceber a alimentação como um campo muito potente nos últimos anos, quando, por intermédio de pautas de movimentos sociais – como o veganismo e a luta pela reforma agrária -,entendi suas implicações políticas e afetivas. Os problemas sociais causados pela má organização desses sistemas se dão em várias esferas, desde danos ambientais - a devastação da Floresta Amazônica, a produção em larga escala de gases poluentes, o desperdício e contaminação de água -, até a manutenção de desigualdades produtivas e econômicas - a concentração de terras, o predomínio de produtos ultraprocessados, a acumulação dos meios produtivos entre poucas empresas, a má distribuição da produção.

A dedicação de tempo, atenção e recursos necessária para priorizar a ingestão de alimentos saudáveis, preparados em casa e vindo de cadeias de produção justas é uma escolha - ainda que não seja sempre uma escolha disponível - que envolve o cuidado tanto na sua dimensão ética quanto na sua forma sensível e afetiva. Cozinhar cria e mantém laços. Além disso, é uma atividade que demanda envolvimento, seja de quem prepara ou de quem consome, e especialmente quando se cozinha junto. Cozinhar para ou com alguém é uma forma de participar ativamente de um momento. A partir desse entendimento, passei a tratar o ato de cozinhar como uma estratégia de criação de situações, e comecei a produzir alguns registros (Imagem 4).

no fundo a gente só faz o que o barro quer, ouvi essa semana (ou semana passada?). parece que foi frase de alguém. procurei na internet e não encontrei. talvez não fosse barro, fosse outra coisa, mas assim fica difícil pesquisar. também não lembro quem foi que me disse. mas é verdade né. a gente vai até um ponto com a argila e ela vai até outro ponto com a gente. acho que na maioria dos trabalhos é importante ter essa relação, seja com o material que for. mas a questão com a argila é ela tem a voz muito alta. ela quebra, racha. você consegue impor um tanto mais no papel, ainda que ele também responda. quando falo sobre esse contato com a argila penso em um trabalho que fiz em 2016/17. foi a partir de uma proposta de criar múltiplos de algo. fiz muitas pequenas montanhas, pensando traços de trabalhos de desenho. a partir das linhas do corpo imaginava horizontes de formações terrosas. recortava placas quadradas de 10x10cm e dividia elas em duas. depois alisava, polia, levava tempo. esses traços vinham de um olhar de muito afeto, eram desenhos de um corpo específico. as vezes me parecia que olhar pra pessoa que eu gostava era quase como olhar pra uma montanha, um abismo. é um gigante, um imenso que se quer percorrer. ainda que a forma fosse uma abstração, sentia que essa relação de toque, afeto, cuidado se repetia ao fazer as montanhas. guardei também o pano que eu usava de superfície pra trabalhar a argila. ele ficava com manchas difusas e alguns desenhos bem marcados, horizontes formados pelas linhas do corte a faca.

Imagem 4



Anna Thereza de Carli Hanel. Registro de ação. Porto Alegre, maio de 2019.

Ocorriam dinâmicas similares a partir de outros objetos, e reparei particularmente nos que tinham valor religioso ou ritualístico. Existe nesse contexto uma relação regida por noções de participação, de vivência - as experiências transcendentais são por princípio momentos que nos elevam da vida cotidiana. Confeccionei *japamalas* para algumas pessoas, cordões com 108 contas usados comumente em práticas de meditação, repetindo um mantra a cada conta adicionada. Para outras, dei colares com pingentes difusores de aroma que fiz em cerâmica. Depois, pedi que elas os fotografassem (Imagens 5 e 6).

Imagens 5 e 6



Anna Thereza de Carli Hanel. Registros de ação. Porto Alegre, abril e junho de 2019.

As duas situações, o cozinhar e o presentear, compartilham algumas características. Mais do que sobre os objetos físicos que intermediam as trocas feitas, sua importância se firma sobre o tempo, o movimento e a atenção necessárias para construí-los. É o uso das mãos, a concentração, a intencionalidade da ação que nos tira da posição de espectadores. Estamos produzindo e vivenciando um momento.

Como o que me interessava eram principalmente os aspectos imateriais, procurei olhar também para situações que não envolvessem objetos físicos. Às vezes o que se compartilha é apenas tempo, olhar, toque. Comecei a me perguntar: se repetidamente se fala que a arte é uma forma de comunicar ideias, porque conversar, uma maneira simples, direta e efetiva de fazê-lo, não poderia ser arte?

Muitas vezes durante esta pesquisa sentei para conversar com amigos, conhecidos e amigos de amigos sobre cuidado, atenção, arte e outros temas relacionados. Acredito no potencial desse formato porque me provocou trocas muito interessantes. Falando com pessoas de variadas opiniões e histórias, chegávamos sempre a lugares diferentes. Cada um se conecta com esferas específicas dentro do mundo amplo do cuidado, a partir das ligações que estabelece com sua vida, e daí traz suas referências, opiniões, lembranças. Dentro da

no terreiro que eu vou tem três placas que dizem “o silêncio é uma prece”

segundo tombo

existe verdadeiramente diferença entre escrever um diário e registrar o que os outros dizem? escrever o diário é registrar de forma processada o que os outros dizem, registrar o que os outros dizem é escrever um diário com um viés - com um recorte

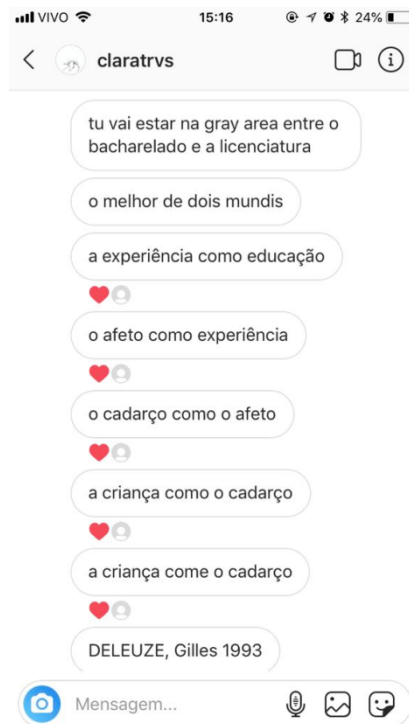
você sabe quanto tempo faz que eu não bebo uma cerveja na sexta-feira?

especificidade de cada situação, eu chegava a novas formas de contar, e portanto de entender, as minhas próprias preocupações com o tema.

Busquei registrar isso de algumas formas. Algumas conversas pude guardar através de capturas de tela, quando eram em meios eletrônicos (Imagem 7). Outras, com anotações em formato de lista, textos corridos, relatos em áudio. De poucas guardei vestígios materiais, alguma coisa qualquer que estivesse perto. Três delas, até agora, pude registrar em vídeo (Imagem 8).

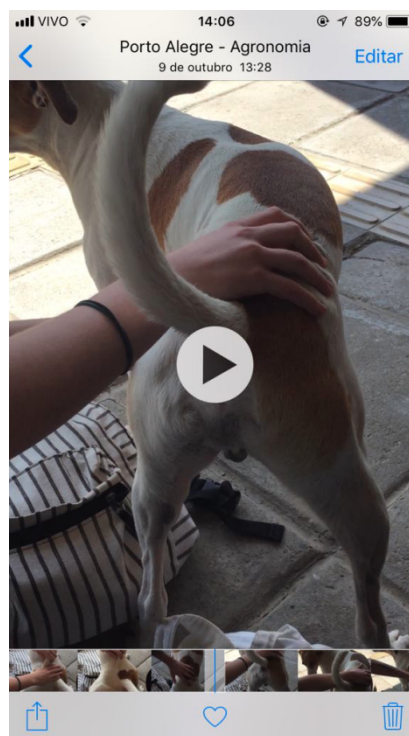
Essas trocas me tocaram de forma sensível, e também prática. Acessei muitas informações e percepções novas, e pude articular minhas próprias reflexões ao expô-las a contrapontos, o que contribuiu diretamente para desenvolver e direcionar minhas pesquisas. Em razão disso, pensei mais sobre o que considerava ou não referência em meus trabalhos. Nem sempre é fácil traçar as origens das ideias, até porque elas não surgem a partir de linearidades simples, como causas e consequências. Nossa mente vai criando relações improváveis, costurando no inconsciente, e elas irrompem a seu próprio tempo. Talvez aí tenha começado a entender também porque é importante para mim registrar certas memórias.

Imagem 7



Anna Thereza de Carli Hanel. Registro de conversa. Porto Alegre, 30 de junho de 2019.

Imagem 8



Anna Thereza de Carli Hanel. Registro de conversa (frame de vídeo). Porto Alegre, 9 de outubro de 2019.



CONTAR PARA ALGUÉM O QUE ACONTECEU

No início deste ano, conheci a obra do artista americano Joseph Grigely (1956). Grigely perdeu a audição aos 10 anos de idade, e levanta questões sobre comunicação e acessibilidade. Em parte de seus trabalhos, vale-se de bilhetes que foram usados por outras pessoas para se comunicar com ele. Sua coleção é composta por milhares de notas recolhidas ao longo de anos, que são expostas com variados recortes (PEDROSA, A. In: DEXTER, E. 2005, p. 120). Em “*167 White Conversations*”⁵, por exemplo, fez uma seleção a partir dos bilhetes em papel branco (Imagem 9).

Para o quadro desta pesquisa, resalto o conteúdo desses bilhetes. São frases de conversas absolutamente triviais, que se não tivessem sido gravadas no papel provavelmente teriam se dissipado entre memórias. São todas anônimas, mas carregam marcas pessoais, traços de tons de voz. E estão descontextualizadas, embaralhadas. Encontramos vestígios de conversas que foram e, por não nos ser apresentado um direcionamento único, temos a liberdade de criar ligações de sentidos e imaginar conversas que poderiam ter sido, que podem vir a ser.

Registrar é uma forma de conhecer, acredito, e, a partir dessa percepção, me voltava cada vez mais nessa direção. Experimentei um dia, enquanto estava sentada em uma escadaria, anotar o que via de cuidado acontecendo ao meu redor (Imagem 10). Pensei nesse exercício enquanto uma maneira de me apropriar melhor do espaço através da atenção, de forma similar ao diário. Se parece também, percebi depois, com a atividade que Georges Perec se propõe no livro “Tentativa de esgotamento de um local parisiense” (PEREC, 2016). O artista postou-se nove vezes ao longo de três dias frente a Praça Saint-Sulpice, em Paris, para relatar o que percebia. Ele buscava observar especificamente “aquilo que em geral não se nota, o que não tem importância: o que acontece quando nada acontece, a não ser o tempo, as pessoas, os carros e as nuvens” (opcit, p.11).

Minha prática foi semelhante, mas com um recorte diferente. Não me propus ao esgotamento de um local ou situação, através da observação recorrente. Ao contrário, observei apenas uma vez, durante uma situação que já fazia parte do planejamento do meu dia.

⁵ <https://www.artforum.com/picks/joseph-grigely-white-noise-1347> Data de acesso: 20/08/2019.

Imagem 9



Joseph Grigely. **167 White Conversations**. Mídias Variadas. 2004.

Imagem 10

TOALHAS BORDADAS (COM NOMES)	ADICIONAR A ARRREGAR CABEÇAS	OLHAR PRA FEIRA ENQUANTO PASSA
LEITURAS EM GRUPO	LER UM CACHORRO NO COLO	PAR UMA CORRIOINHA PRA NÃO DEMORAR
GRUPOS DE LEITURA	DAR CORONA	TER RAMPAS PRA ACESSIBILIDADE
BORRIFAR ÁGUA NAS FOLHAS QUE ESTÃO A VENDA	GAMNAR CORONA	SEGURAR A MACHUCA PRA ALGUÉM TIRAR O CASACO
FAZER A FEIRA PRA FAMÍLIA	CHAMAR ALGUÉM DE QUERIDO	CONTINUAR SEGURANDO A MACHUCA DA PESSOA DEBIL DE EU TIRAR O CASACO MESMO ELA ESTANDO SENCADA
FAZER A FEIRA	SAIR MAIS Cedo DE UM CUESO RUIM	DESEJAR BOM DIA
BANHOS DE ERVAS	FICAR MAIS TEMPO EM UM CUESO RUIM	CAMINHAR DEUSAN PRA CRIANÇA ACOMPANHAR
CHÁS	LEMBRAR DE ALGUÉM QUE VOCÊ NÃO VE JÁ FAZ UM ANO	TER PASSEI BEM QUENTINHO
SACA DAS	CONTAR PRA ALGUÉM O QUE ACONTECEU	ESPIAR A FEIRA
CHIMARRÃO	CONTAR PRA ALGUÉM COMO VOCÊ CÁ	SORRIR ENQUANTO OLHA ALGUÉM FAZENDO ALGO
USAR O CORRINTO	PERGUNTAR PRA ALGUÉM COMO ESTÁ	ABRIRAR
TRABALHAR COMO SEGURANÇA	IR OLHAR O CARRÃO	NÃO FECHAR O CAMINHO
PLANTAR	BATER PAPA ENQUANTO ESPERA	SORRIR ENQUANTO OLHA A PAISAGEM
PLANTAR COQUE DE BRUXELAS PELA PRIMEIRA VEZ E APRENDER A CUIDAR DELAS	CUMPRIMENTAR	PEJAR UMA CRIANÇA NO COLO
FALAR COM O SEU MEU AMIGO PRA TI	SE PROGRAMAR PORQUE NO FINAL DE SEMANA VAI FICAR	MANDAR UM BÓJÓ
	CONVERSAR SOBRE A CHUVA	

Anna Thereza de Carli Hanel. Observação em frente a Assembleia Legislativa. Porto Alegre, 28 de agosto de 2019.

As escadarias faziam parte da entrada da Assembleia Legislativa do Estado. Era manhã, perto das 12h, e havia uma parte coberta ainda antes da entrada do prédio onde estava acontecendo uma pequena feira. Talvez fosse orgânica, não tenho certeza. Naquele dia ocorria um evento sobre Agroecologia Urbana e Periurbana. Eu havia combinado de assistir a fala da tarde com uma amiga, e a esperava para que almoçássemos juntas antes. Buscando observar a partir do cuidado, fui anotando ações.

Com o registro se tornando um ato progressivamente mais central em minhas práticas, procurei, aos poucos, diversificar minhas maneiras de registrar. O que eu já vinha trabalhando a partir do diário, passei a fazer também em forma de listas, notas e gravações de áudio. Com isso buscava produzir memória de momentos que achava significativos para o contexto da pesquisa, realizar experimentações baseadas nos aportes teóricos que comecei a reunir a respeito do cotidiano e também registrar reflexões sobre os conteúdos e sobre o próprio exercício de escrever um TCC (Imagem 11). Nessa alçada se inserem os textos e áudios que estão colocados como apêndices neste trabalho, e também outros que foram organizados de forma separada.

Imagem 11

anexo 11: partes do corpo que eu machuquei
enquanto fazia o tcc

joelhos

dedo do pé

olho

tórax

cabeça

dedos

Anna Thereza de Carli Hanel. **Apêndice**. Zine (trecho). Porto Alegre, 2019

“as relações que são estabelecidas entre as pedras e os homens”



OLHAR PARA A FEIRA ENQUANTO PASSA

Costumo guardar muitas coisas por dificuldade de me desfazer. São principalmente papéis - recibos, tickets, bilhetes, cadernos, provas, revistas, fotografias -, mas também alguns outros objetos, pedaços de madeira, roupas, presentes, etc. Guardo coisas por valor sentimental, por valor estético, por imaginar que possam ser úteis no futuro.

Se eu estava buscando registrar o cotidiano, então todas essas coisas que eu mantinha em casa poderiam ser um material interessante. Decidi organiza-las no chão da minha sala, e comecei a tentar organizar possíveis conexões. Tenho uma caixa onde há muitos anos vou guardando objetos significativos, dela tirei alguns presentes, bilhetes, fotografias e todos os meus antigos óculos de grau. Das minhas estantes saíram cartões postais, comprovantes de matrícula, tickets de metrô, entradas pro cinema, mais bilhetes, minha coleção de lacres de latinha, o porta-remédios que ganhei da minha psicóloga, algumas fotos 3x4 e dois pedaços de madeira. Encontrei pastas com lembranças de viagem, vidros vazios de remédios homeopáticos, moedas antigas, folhas de árvore, contas de plástico (Imagem 12).

Fiquei pensando em quais histórias aqueles objetos contariam se eu não estivesse presente. Fosse outra pessoa olhando, ela não conseguiria extrair deles informações precisas sobre mim, mas poderia criar uma ficção. Unindo entre os vestígios provavelmente formaria algumas impressões, poderia inventar percursos, atribuindo conexões entre eles, e, assim, comporia uma imagem mental sobre o que são, porque foram parar ali, a quem pertencem.

Nessa mesma lógica, comecei a recolher coisas da rua, invertendo o papel que eu ocupava nesse jogo. Passei a reunir vestígios para ver que histórias podia recriar a partir deles. Fui coletando coisas que apareciam no meu percurso e me chamavam atenção, sem um critério mais objetivo que isso. Eu já costumava pegar coisas do chão enquanto caminhava para colocá-las no lixo, o que mudou foi que comecei a pegar outras para guardar. O processo foi se configurando de forma intuitiva, o que sentia que devia guardar, eu guardava. Foi muito curioso começar a reparar nas coisas que podia encontrar no chão (Imagem 13).

Juntei borrachinhas de dinheiro, bulas de remédio, muitos recibos e folhas secas, penas. Um dia encontrei um conjunto de folhas com exercícios de francês e um sapato de bebê. Em outro, voltei para casa com uma parte de um segregador de trânsito que estava atrapalhando a ciclovia e uma pequena pedrinha que chutei sem querer caminhando na redenção. Trouxe também um galho seco de palmeira de um passeio com minha cachorra, que tive que transportar até o apartamento pela escada pois não cabia no elevador.

Imagem 12



Começando a investigar as coisas que tenho guardadas em casa. Novembro de 2019.

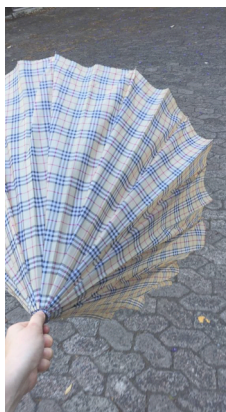
Imagem 13



Anna Thereza de Carli Hanel. 30 de novembro de 2019. Porto Alegre, 30 de novembro de 2019.



a formiga louca urbana



Muitas dessas coisas carregam nomes, dados de pessoas desconhecidas, mas outras não possuem marcas humanas, são lembranças apenas do próprio caminho. Inspirada pelas questões levantadas por Perec, pela deriva situacionista e pelas deambulações de Francesco Careri com o grupo Stalker, penso essas ações também como formas de me atentar ao percurso. São recortes da cidade. Paisagens, talvez, construídas pela retirada.

Em outras experimentações, fiz alguns registros em áudio pelos meus caminhos. Em parte deles eu falo, porque os pensei como diários falados. Há um em que nomeio em voz alta as coisas que vejo junto ao meio fio, tentando seguir uma proposição aos moldes das tentativas de esgotamento de Perec. Nos outros, gravo só os barulhos da rua, como recolho as coisas do chão. A cidade falando por si.

Penso que o ato de colecionar coisas, sejam objetos, sons, imagens, sensações, tem como motivação o sentimento de querer se deter nelas. Guardamos porque queremos poder vê-las uma vez mais. Acho que isso adquire um significado especial quando se trata de retirar objetos da rua. Normalmente o que se encontra no chão é percebido como resíduo, falha, ruído. Nosso caminhar é rápido, as coisas passam borradas, maculando a vista de uma calçada limpa. Recolher algo é como resgatá-lo, é uma forma de dar nova vida. Incontáveis novas vidas, talvez.

Acredito que remontar todos esses vestígios de forma expositiva seja uma forma de criar possibilidades narrativas. Ao dispor as coisas que coletei e as que já eram minhas, pretendo organizá-las segundo alguns critérios como data, origem, etc, mas não me importa muito que essa organização seja fidedigna. O que me interessa nesse processo é o espaço que ele abre para a imaginação através de seus vazios. Espero que os fragmentos despertem vontade de preencher as lacunas.

É, também, uma forma de atestar a existência das coisas, ser a testemunha/advogada que Lapoujade comenta. Das coisas encontradas, que são resgatadas de um destino de esquecimento, e dos dias e caminhos, e, portanto, de si mesmo. É uma forma de, como On Kawara, reafirmar, este dia aconteceu, e eu o vivi⁶.

Retornando a Ailton Krenak, este afirma:

⁶Refiro-me a duas séries do artista conceitual japonês On Kawara, “*Today*”, extenso conjunto de pinturas produzidas desde 1966 onde se lê apenas a data em que foram feitas, e “*I am still alive*”, composta de mais de 900 telegramas com essa frase enviados durante três décadas para amigos e conhecidos. ANEXO 3

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim. (KRENAK, 2019, p. 26-27)

Com essas informações fora de contexto, meias-frases, meias-imagens, abre-se um espaço em branco para a criação de suas histórias, que se tornam múltiplas, diversas. É um convite a se permitir olhar de novo pra esses objetos, os esquecidos, os perdidos e os guardados em caixas, ainda que com carinho, e tentar estabelecer com eles algum tipo de encantamento. Uma conjuração de vida, com o exercício da criatividade. A falta de uma história única gera a possibilidade de infinitas outras. Não poderia ser essa uma forma, ainda que modesta, de seguir o conselho de Krenak e contar mais histórias?

08. dez

dia de Oxum

coloquei um ponto pra ouvir e fui pra janela

passou um ônibus

o anúncio atrás dizia apenas

“amor de mãe”

Considerações Finais

“A arte é um espaço experimental de liberdade.”

Mário Pedrosa

Este trabalho foi um primeiro mergulho. Busquei começar minha investigação pelo que já estava aqui, permitindo que me apontasse assuntos: o cotidiano, o afeto, a presença, o registro. Partindo de exercícios de observação, comecei a escrever sobre as coisas do meu dia-a-dia, marcá-las no papel para que não se dissipassem tão rápido. Andando por esses caminhos conheci teorias que pensavam sobre o cuidado, e senti que elas englobavam muito do que eu considerava pertinente.

Primeiro, li sobre a ética do cuidado, teoria que coloca questões sobre as formas em que o nosso pensamento moral foi cristalizado em torno da razão através de um viés de gênero. Me fez pensar sobre a importância de pensar o cuidado enquanto uma atribuição de todos, a ser valorizada nas esferas sociais por sua importância política. Depois, conheci o cuidado de si, máxima grega que nos alerta sobre a importância de voltar a atenção para dentro e exercer um trabalho sobre si. Essas teorias me fizeram entender o cuidado enquanto responsabilidade ética. Tendo a compreensão de que ocupo um lugar no mundo e me cabe a tarefa de fazê-lo da melhor forma possível.

A partir disso, me propus a escrever um diário enquanto um exercício de atenção a si e ao cotidiano. Essa prática me trouxe resultados em sentido pessoal e enquanto trabalho artístico. Parar um pouco quase todos os dias para elaborar sobre o que vivi foi, antes de tudo, uma ferramenta de autoconhecimento. Me auxiliou a processar sentimentos, organizar ideias, me questionar, olhar as coisas duas vezes. E me ensinou a viver mais devagar. Comecei a pensar que talvez a arte estivesse justo aí, na forma de viver.

A partir do estudo de alguns artistas, principalmente vinculados ao grupo Fluxus, passei a entender que a arte pode ser a própria vida. Um momento ao sentir o vento, uma maneira diferente de andar pela calçada, algumas poucas palavras trocadas. Estas experiências podem nos afetar, emocionar, ensinar, tanto quanto outros tipos de trabalhos artísticos tradicionais. Por que não poderíamos chamá-los de arte, então? Com essa concepção em mente, e na tentativa de abarcar momentos voltados para fora de mim, passei a experimentar maneiras de registrar situações em que sentia as marcas da vivência, num sentido inspirado pelos situacionistas. Voltei meus olhos para situações de partilha, seja de comida, de presentes, de ideias, etc, procurando onde as encontrava no mundo.

Na tentativa de entender o funcionamento das minhas práticas poéticas, acabei por me identificar como uma colecionadora, e passei a me dedicar a essa prática com mais energia. Explorei os objetos que tinha guardados em casa em busca de conexões, e comecei a recolher outros das ruas pelas quais passava em meus caminhos. São fragmentos, resíduos, pequenos relatos do cotidiano, aos quais busco dar nova atenção. Acredito que tragam em si a potência de contar histórias, desde que alguém conceda a eles a gentileza do olhar. Investigando esses fragmentos podemos, através dos vazios, construir narrativas, imaginar mundos.

Acredito, hoje, que entre o cuidado e o cotidiano, o grande ponto de atravessamento deste trabalho tenha sido a atenção; atenção a si, atenção seus arredores. Tomar atenção e pedir atenção. O ponto em comum entre minhas propostas talvez seja o empenho em desenvolver um olhar mais lento. São exercícios e ações que me fizeram, e espero que façam a algum outro, pousar por um pouco mais de tempo sobre as coisas, e dessa forma encontrar encantamento no que é mais banal.

Atentar para todos esses momentos mexeu com minhas visões políticas e me fez questionar de que maneira eu queria falar sobre eles. Às vezes essas questões me pareciam tão urgentes que pensar sobre elas a partir do lugar da arte não seria o suficiente. Nesse percurso, me abri para duvidar da adequação de minhas ações a esse espaço: por que é importante para mim chamar que eu faço, entre tantos nomes, de arte?

A resposta a que cheguei é que é o espaço de liberdade que a arte proporciona que me faz querer estar aqui. Por não se pretender ciência, a arte se permite fugir de respostas universais e procurar outras formas de gerar conhecimento. É o espaço onde podemos pensar como corpo, com os sentidos, de forma localizada. Ela nos permite falar a partir de nós mesmos. Ela nos permite arriscar. E isso é muito do que eu procurei fazer neste trabalho.

Sinto que os resultados que obtive são os laços que foram construídos ou fortalecidos a partir dele. Ele se estende através de pequenos momentos, quando, por exemplo, alguma amiga me procura pra contar que sua mãe fez pão para esperá-la, ou me manda fotos para mostrar como a planta que ganhou de mim está grande. Sinto que esta é a sua vida. Mesmo que de forma breve, me alegra que ele pôde ressoar em outros pensamentos.

Por final, acredito que meu maior ganho tenha sido aprender a pesquisar. Entre desvios e encontros de percurso, me sinto satisfeita por ter caminhado em relação a meu entendimento de mim mesma, de meu trabalho, e da pesquisa que quero fazer. Chego neste final com uma grande bibliografia por ler, com muitos artistas, coletivos, projetos e organizações a pesquisar, e com uma série de ideias para testar.



o mundo é tão poético, a gente nem precisa fazer arte

poemas sobre janela.

a minha bicicleta, a bicicleta que me derrubou as duas vezes (na segunda na verdade acho que fui eu quem derrubou ela), se chama janela. não fui eu quem escolheu. foi a marina, por outros motivos, antes até dela ser minha, mas depois eu pensei que fazia sentido. eu comprei ela da minha ex-namorada quando ela se mudou pra são paulo. demorei pra conseguir dar um nome pra ela, especialmente esse, porque demorei pra sentir que ela era minha. pensei em chamar ela de marina, então. mas agora gosto de janela mesmo. não que bicicleta precise ter nome. não sei porque a gente tem que colocar nomes próprios em coisas. isso pessoaliza a bicicleta, ok, mas alguém já perguntou pra bicicleta se ela quer ser personalizada? quem sabe ela gosta de ser bicicleta. as bicicletas devem ter outra lógica. de qualquer maneira eu não costumo me referir a minha bicicleta como janela, só gosto de ter essa informação na minha mente. saber que ela é uma janela. esses dias encontrei um poema que falava assim

la ciudad era como un paisaje
que yo podía ver gratis
pasando a toda velocidad
por la ventana de un tren inter-city
sólo que la ventana no tenía marcos
era una ventana sin límite
y rosada
una ventana con forma de bicicleta rosada
(PAVON, Cecilia)
disponível em <http://revistamododeusar.blogspot.com/2011/01/cecilia-pavon.html>

todo dia quando eu deixo minha bicicleta na garagem dou um (às vezes três) beijinho de boa noite se foi a minha bicicleta que me derrubou (ainda que na segunda vez tenha sido eu quem derrubei ela) acho que ela é parte importante do meu tcc. conhecer é encontrar - cair. se eu digo que é importante o conhecimento que vem do corpo - cair é uma forma de conhecer. eu conheci o chão, levei um pouco dele comigo - a sujeira da rua. ele me conheceu, ficou com pouco de mim - pedaços da minha pele. produziu marcas do percurso - efêmeras - cartografou?

dois dias depois cai em outro poema que fala sobre janelas. ele estava em outra aba na mesma *janela* do navegador desde aquele dia, mas só fui ler depois. uma coincidência interessante. hoje em dia tem-se chamado coincidência de sincronicidade, que acho que é uma forma mais espiritual de encarar o negócio. gosto da visão mas não muito da palavra.

Janela, palavra linda.
Janela é o bater das asas da borboleta amarela.
Abre pra fora as duas folhas de madeira à-toa pintada,
janela jeca, de azul.
Eu pulo você pra dentro e pra fora, monto a cavalo em você,
meu pé esbarra no chão. Janela sobre o mundo aberta, por onde vi
o casamento da Anita esperando neném, a mãe
do Pedro Cisterna urinando na chuva, por onde vi
meu bem chegar de bicicleta e dizer a meu pai:
minhas intenções com sua filha são as melhores possíveis.
Ô janela com tramela, brincadeira de ladrão,
claraboia na minha alma,
olho no meu coração.
(PRADO, Adélia)
disponível em <https://www.culturagenial.com/poemas-adelia-prado/>

eu acho incrível, inacreditável que esse também fale de bicicletas. talvez eu esteja criando um GRANDE CASO de uma coincidência pequena. mas talvez esse seja exatamente o tema do meu tcc.

“Cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições. Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial. É enriquecer as nossas subjetividades, que é a matéria que este tempo em que nós vivemos quer consumir. Se existe uma ânsia por consumir a natureza, existe também uma por consumir subjetividades – as nossas subjetividades. Então vamos vive-las com a liberdade que fomos capazes de inventar, não botar ela no mercado. Já que a natureza está sendo assaltada de uma maneira tão indefensável, vamos, pelo menos, ser capazes de manter nossas subjetividades, nossas visões, nossas poéticas sobre a existência.”

Ailton Krenak

coisas que eu fiz pra evitar fazer meu tcc.

li muita poesia

ouvi deize tigrone

pesquisei extensamente sobre a vida e obra da gertrude stein

pesquisei sobre os professores da minha banca

comecei a ler pelo menos 5 teses de doutorado diferentes

ouvi podcasts de notícia

ouvi o podcast de notícia da folha...

ouvi diversos podcasts de notícia sobre o partido novo do bolsonaro.....

ouvi podcasts sobre literatura

pesquisei sobre mitologia grega

pesquisei sobre a numerologia do meu nome

escutei o áudio da leitura do minha revolução solar

pedalei

lavei louça

tirei pó da estante de livros

criei, alimentei e desmanchei uma paixão platônica (ou mais)

lixei as unhas da mão

cortei as unhas do pé

mudei minhas plantas de lugar

colei azulejos na parede com cola quente e fita crepe

tomei muito café no donna laura

tomei muito café com a mari em lugares variados nas proximidades da faculdade de arquitetura

assisti vídeos da Regina

fui em muito mais eventos/falas/rodas de conversa do que normalmente

olhei as fotos antigas do meu celular (muitas vezes)

apaguei fotos antigas do meu celular (só uma vez)

tirei muito tarot online

li o livro do jodorowsky sobre como interpretar o tarot de marseille

fui na feira do livro

peguei sol na redenção

fiz bolo de laranja

fiz bolo de limão

fiz muitos brownies

tomei cerveja no xiru com a luiza e a nane

briguei pela guarda da minha cachorra
fiz pão
limpei muito a casa
assisti a transmissão ao vivo do pronunciamento do lula ao sair da cadeia
pesquisei o significado do dia que eu nasci
vi vídeos sobre cartas de tarot
vi vídeos com tiragens de tarot
fui em exposições de amigos
tirei selfies
tomei suco na lancheria do parque
olhei cadernos antigos
ouvi irmão victor
ouvi mercedes sosa
ouvi noporn
li artigos da piaui (não exatamente da piaui mas grandes)
rolei muito a timeline do twitter
rolei muito a timeline do instagram
rolei até a timeline do facebook
atualizei minha caixa de emails
me inteirei sobre polêmicas de artistas pop
assisti o pôr do sol
dei rolê no paulista
dormi
combinei almoços com meus amigos
comi banana com pasta de amendoim junto com a mari em cima do viaduto da borges
passei tardes no atelier de cerâmica
tomei longuíssimos cafés da manhã
fiz listas de afazeres
assisti filmes sobre lésbicas
assisti capítulos demais em sequencia de crazy ex-girlfriend
assisti séries demais de culinária
assisti uma série japonesa sobre frequentadores de um restaurante que gostam do mesmo prato
assisti sex and the city (a série)
assisti sex and the city (o filme)
assisti os três filmes da bridget jones
reli meus próprios posts nas redes sociais (várias vezes)

preguei um filtro dos sonhos na parede do meu quarto no meio da madrugada
comi várias frutas
(comi bastante em geral)
baixei mais de 30 pdfs que tem só um pouco a ver com minha pesquisa
li alguns pela metade
comemorei a descoberta de que certa atriz global se relaciona com mulheres
lavei minha língua com sabonete líquido
trapaceei no método pomodoro
olhei o movimento na janela
tentei lembrar de coisas pra colocar nessa lista
busquei a Regina no aeroporto
acordei a Regina
desabafei com a Regina
dancei com a Regina
roubei a bolinha da Regina
fingi que ia roubar a bolinha da Regina
falei com a Regina com voz de bebe
fiz pipoca (pipoca dá uma pausa consideravelmente longa pra um lanche pq não dá pra estudar enquanto come, a mão fica gordurosa é melhor não mexer em nada)
assisti um filme sobre ser solteira com minha vizinha
cochilei
tirei fotos na webcam
pesquisei sapatos veganos na black friday
li sobre o patafísica
li sobre o ppg da letras
li sobre o ppg do ia
vi a grade curricular do ppg do ia (linda)
procurei e não encontrei um edital antigo pra bisbilhotar as leituras obrigatórias
comprei a assinatura anual de uma revista
limpei os potes com conservas vencidas
limpei a gaveta de vegetais e as prateleiras da geladeira
aspirei o quarto depois de meses
pesquisei as hashtags mais comentadas no twitter
assisti o tarot mensal da paula prado mesmo achando bobagem
cortei as unhas dos pés
passei batom vermelho (sozinha e em casa)

Apêndice

Os textos e imagens deste apêndice são apresentados na versão impressa em folhas de papel vegetal soltas posicionadas entre as folhas do texto principal.

1.

“depois de francis ponge, tenho pensado reiteradas vezes nos vegetais.

Menos até que pensado, tenho observado, simplesmente observado os vegetais”

estesias pg. 35

2.



3.

“o indivíduo artista é um produtor de memórias de todo o tipo que dissemina suas marcas. Que esconde, porém, a seiva que alimenta seu processo em seus carnês e correspondências.” maria ivone dos santos

4.



5.

primeiro tombo

saí de lá dizendo “é caindo que se aprende a levantar”, ainda sem saber exatamente o que é que eu tinha aprendido.

mas o presente é o corpo ou é o que tá na volta dele? pensei que meu joelho doía um pouco por causa do tombo de bicicleta, dói até agora, mas cada vez menos. terça de noite, ao tentar dormir, tive dificuldade pq minha dor no joelho me lembrava demais de estar ali e era difícil me concentrar em não estar sozinha

pensei em escrever esse boletim em papel jornal, que nem um jornal, mas com a mão

eu tiro muito tarot e acho que é uma forma de me fazer menos presente. eu não aguento mais pensar no futuro. mas aquele dia senti que devia ir. na verdade, tirei um primeiro tarot pra confirmar se eu devia ir tirar tarot

o segundo tarot me disse pra relaxar. ele disse que eu ando carente, ou eu que disse, e ele disse de outra forma, mas de qualquer maneira é verdade.

ontem minha orientadora disse que talvez eu seja mais uma personalidade pesquisadora do que uma artista, porque me frustrei quando fui tentar fazer algo prático. não sei, só vendo

6.

cabeça que leva o corpo de reboque

7.

ainda assim, o coração sabe bater, os pés sabem andar, a mão sabe escrever.

8.

Lembro de vc me falar uma vez
que com o remédio pra
ansiedade vc sentiu como se
tivesse um rádio sempre ligado
perto de você é alguém tivesse
ido é desligado ele

9.

deixar o feijão de molho por pelo menos 12h antes de cozinhar,
ter uma planta,
secar ervas para fazer chá,
dormir no sofá às vezes,
dormir com a janela toda fechada às vezes,
comprar sabonete de coco direto na feira e reaproveitar as embalagens,
congelar as cascas dos vegetais para fazer caldo,

10.

4. dez

sopra o vento, mãe, vendaval de axé
o tempo que tange o movimento, Oyá
Iansã, Eparrey

11.



12.

uma vez eu tava ficando com uma menina que disse que eu me alimentava como um pássaro (muitas sementes). lembrei disso hoje quando tava comendo sementes engraçado porque hoje de manhã ela perguntou como eu me sentia sobre pombas engraçado porque eu de fato andei pensando muito sobre pombas eu gosto de pombas, reparei esse ano ao contrário das outras capricornianas

13.

No fundo a gente só faz o que o barro quer, ouvi essa semana (ou semana passada?). parece que foi frase de alguém. procurei na internet e não encontrei. talvez não fosse barro, fosse outra coisa, mas assim fica difícil pesquisar. também não lembro quem foi que me disse. mas é verdade né. a gente vai até um ponto com a argila e ela vai até outro ponto com a gente. acho que na maioria dos trabalhos é importante ter essa relação, seja com o material que for. mas a questão com a argila é ela tem a voz muito alta. ela quebra, racha. você consegue impor um tanto mais no papel, ainda que ele também responda. quando falo sobre esse contato com a argila penso em um trabalho que fiz em 2016/17. foi a partir de uma proposta de criar múltiplos de algo. fiz muitas pequenas montanhas, pensando traços de trabalhos de desenho. a partir das linhas do corpo imaginava horizontes de formações terrosas. recortava placas quadradas de 10x10cm e dividia elas em duas. depois alisava, polia, levava tempo. esses traços vinham de um olhar de muito afeto, eram desenhos de um corpo específico. as vezes me parecia que olhar pra pessoa que eu gostava era quase como olhar pra uma montanha, um abismo. é um gigante, um imenso que se quer percorrer. ainda que a forma fosse uma abstração, sentia que essa relação de toque, afeto, cuidado se repetia ao fazer as montanhas. guardei também o pano que eu usava de superfície pra trabalhar a argila. ele ficava com manchas difusas e alguns desenhos bem marcados, horizontes formados pelas linhas do corte a faca.

14.

no terreiro que eu vou tem três placas que dizem “o silêncio é uma prece”

15.

segundo tombo

existe verdadeiramente diferença entre escrever um diário e registrar o que os outros dizem? escrever o diário é registrar de forma processada o que os outros dizem, registrar o que os outros dizem é escrever um diário com um viés - com um recorte

você sabe quanto tempo faz que eu não bebo uma cerveja na sexta-feira?

16.



17.

“as relações que são estabelecidas entre as pedras e os homens”

18.



19.



20.



21.

a formiga louca urbana

22.



23.



24.

09.dez

dia de Oxum

coloquei um ponto pra ouvir e fui pra janela

passou um ônibus

o anúncio atrás dizia apenas

“amor de mãe”

25.



26.

o mundo é muito poético, a gente nem precisa fazer arte

27.

poemas sobre janela.

a minha bicicleta, a bicicleta que me derrubou as duas vezes (na segunda na verdade acho que fui eu quem derrubou ela), se chama janela. não fui eu quem escolheu. foi a marina, por outros motivos, antes até dela ser minha, mas depois eu pensei que fazia sentido. eu comprei ela da minha ex-namorada quando ela se mudou pra são paulo. demorei pra conseguir dar um nome pra ela, especialmente esse, porque demorei pra sentir que ela era minha. pensei em chamar ela de marina, então. mas agora gosto de janela mesmo. não que bicicleta precise ter nome. não sei porque a gente tem que colocar nomes próprios em coisas. isso pessoaliza a bicicleta, ok, mas

alguém já perguntou pra bicicleta se ela quer ser pessoalizada? quem sabe ela gosta de ser bicicleta. as bicicletas devem ter outra lógica. de qualquer maneira eu não costumo me referir a minha bicicleta como janela, só gosto de ter essa informação na minha mente. saber que ela é uma janela. esses dias encontrei um poema que falava assim

laciudad era como unpaisaje
que yopodía ver gratis
pasando a toda velocidad
por la ventana de untreninter-city
sólo que la ventana no tenía marcos
era una ventana sinlímite
y rosada
una ventana con forma de bicicleta rosada
(PAVON, Cecilia)
disponível em <http://revistamododeusar.blogspot.com/2011/01/cecilia-pavon.html>

todo dia quando eu deixo minha bicicleta na garagem dou um (às vezes três) beijinho de boa noite

se foi a minha bicicleta que me derrubou (ainda que na segunda vez tenha sido eu quem derrubei ela) acho que ela é parte importante do meu tcc. conhecer é encontrar - cair. se eu digo que é importante o conhecimento que vem do corpo - cair é uma forma de conhecer. eu conheci o chão, levei um pouco dele comigo - a sujeira da rua. ele me conheceu, ficou com pouco de mim - pedaços da minha pele. produziu marcas do percurso - efêmeras - cartografou?

dois dias depois cai em outro poema que fala sobre janelas. ele estava em outra aba na mesma *janela* do navegador desde aquele dia, mas só fui ler depois. uma coincidência interessante. hoje em dia tem-se chamado coincidência de sincronidade, que acho que é uma forma mais espiritual de encarar o negócio. gosto da visão mas não muito da palavra.

Janela, palavra linda.
Janela é o bater das asas da borboleta amarela.
Abre pra fora as duas folhas de madeira à-toa pintada,
janela jeca, de azul.
Eu pulo você pra dentro e pra fora, monto a cavalo em você,

meu pé esbarra no chão. Janela sobre o mundo aberta, por onde vi
o casamento da Anita esperando neném, a mãe
do Pedro Cisterna urinando na chuva, por onde vi
meu bem chegar de bicicleta e dizer a meu pai:
minhas intenções com sua filha são as melhores possíveis.
Ô janela com tramela, brincadeira de ladrão,
claraboia na minha alma,
olho no meu coração.

(PRADO, Adélia)

disponível em <https://www.culturagenial.com/poemas-adelia-prado/>

eu acho incrível, inacreditável que esse também fale de bicicletas. talvez eu esteja criando um GRANDE CASO de uma coincidência pequena. mas talvez esse seja exatamente o tema do meu tcc.

28.

coisas que eu fiz pra evitar fazer meu tcc.

li muita poesia

ouvi deize tigrone

pesquisei extensamente sobre a vida e obra da gertrude stein

pesquisei sobre os professores da minha banca

comecei a ler pelo menos 5 teses de doutorado diferentes

ouvi podcasts de notícia

ouvi o podcast de notícia da folha...

ouvi diversos podcasts de notícia sobre o partido novo do bolsonaro.....

ouvi podcasts sobre literatura

pesquisei sobre mitologia grega

pesquisei sobre a numerologia do meu nome

escutei o áudio da leitura do minha revolução solar

pedalei

lavei louça

tirei pó da estante de livros

criei, alimentei e desmanchei uma paixão platônica (ou mais)

lixei as unhas da mão
cortei as unhas do pé
mudei minhas plantas de lugar
colei azulejos na parede com cola quente e fita crepe
tomei muito café no donna laura
tomei muito café com a mari em lugares variados nas proximidades da faculdade de arquitetura
assisti vídeos da Regina
fui em muito mais eventos/falas/rodas de conversa do que normalmente
olhei as fotos antigas do meu celular (muitas vezes)
apaguei fotos antigas do meu celular (só uma vez)
tirei muito tarot online
li o livro do jodorowsky sobre como interpretar o tarot de marseille
fui na feira do livro
peguei sol na redenção
fiz bolo de laranja
fiz bolo de limão
fiz muitos brownies
tomei cerveja no xiru com a luiza e a nane
briguei pela guarda da minha cachorra
fiz pão
limpei muito a casa
assisti a transmissão ao vivo do pronunciamento do lula ao sair da cadeia
pesquisei o significado do dia que eu nasci
vi vídeos sobre cartas de tarot
vi vídeos com tiragens de tarot
fui em exposições de amigos
tirei selfies
tomei suco na lancheria do parque
olhei cadernos antigos
ouvi irmão victor
ouvi mercedes sosa
ouvi noporn
li artigos da piaui (não exatamente da piaui mas grandes)
rolei muito a timeline do twitter

rolei muito a timeline do instagram
rolei até a timeline do facebook
atualizei minha caixa de emails
me inteirei sobre polêmicas de artistas pop
assisti o pôr do sol
dei rolê no paulista
dormi
combinei almoços com meus amigos
comi banana com pasta de amendoim junto com a mari em cima do viaduto da borges
passei tardes no atelier de cerâmica
tomei longuíssimos cafés da manhã
fiz listas de afazeres
assisti filmes sobre lésbicas
assisti capítulos demais em sequencia de crazy ex-girlfriend
assisti séries demais de culinária
assisti uma série japonesa sobre frequentadores de um restaurante que gostam do mesmo prato
assisti sex and the city (a série)
assisti sex and the city (o filme)
assisti os três filmes da bridget jones
reli meus próprios posts nas redes sociais (várias vezes)
preguei um filtro dos sonhos na parede do meu quarto no meio da madrugada
comi várias frutas
(comi bastante em geral)
baixei mais de 30 pdfs que tem só um pouco a ver com minha pesquisa
li alguns pela metade
comemorei a descoberta de que certa atriz global se relaciona com mulheres
lavei minha língua com sabonete líquido
trapaceei no método pomodoro
olhei o movimento na janela
tentei lembrar de coisas pra colocar nessa lista
busquei a Regina no aeroporto
acordei a Regina
desabafei com a Regina
dancei com a Regina

roubei a bolinha da Regina
fingi que ia roubar a bolinha da Regina
falei com a Regina com voz de bebe
fiz pipoca (pipoca dá uma pausa consideravelmente longa pra um lanche pq não dá pra estudar enquanto come, a mão fica gordurosa é melhor não mexer em nada)
assisti um filme sobre ser solteira com minha vizinha
cochilei
tirei fotos na webcam
pesquisei sapatos veganos na black friday
li sobre o patafisica
li sobre o ppg da letras
li sobre o ppg do ia
vi a grade curricular do ppg do ia (linda)
procurei e não encontrei um edital antigo pra bisbilhotar as leituras obrigatórias
comprei a assinatura anual de uma revista
limpei os potes com conservas vencidas
limpei a gaveta de vegetais e as prateleiras da geladeira
aspirei o quarto depois de meses
pesquisei as hashtags mais comentadas no twitter
assisti o tarot mensal da paula prado mesmo achando bobagem
cortei as unhas dos pés
passei batom vermelho (sozinha e em casa)

Bibliografia

ACOSTA, Alberto. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos.** São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

ADORNO, Theodor W. **O ensaio como forma** (1954). In: Notas de Literatura I. Disponível em:
<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/181008/mod_resource/content/1/Adrono.%20EI%20ensayo%20como%20forma.pdf> Data de acesso: 08/08/19

ARDENNE, Paul. **Un arte contextual: Creación artística en medio urbano, ensituación, de intervención, de participación.** Cartagena: Cendeac, 2006.

BASBAUM, Ricardo. **Além da pureza visual.** 2ª Ed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2016.

BECKER, Jéssica. **O Eu e o Outro: Alteridade e Identidade na Construção do Processo Artístico.** (Tese de Doutorado). Porto Alegre: PPGAV-IA/UFRGS, 2017.

_____. **Cotidiano Experimentado: O Processo Criativo na Prática de Ações.** (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre: PPGAV-IA/UFRGS, 2011.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética.** São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

DEXTER, Emma. **Vitamin D: new perspectives in drawing.** London: Phaidon, 2005.

FERVENZA, Hélio. Considerações da arte que não se parece com a arte. In: **Porto Arte.** V. 13, Nº 23. Porto Alegre: 2005, p. 73 - 83

FILLIOU, Robert. **El arte es lo que hacela vida más interesante que el arte.** (1970). Canadá: Inter Editeur, 2003.

FOSTER, Hal. O artista como Etnógrafo. **Arte e Ensaios – Revista do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais.** RJ: EBA/UFRJ, Ano XII, n.12, 2005.

FOUCAULT, Michel. "A ética do cuidado de si como prática da liberdade". In: **Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. **A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982).** São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010. 3ª ed.

FREIRE, Cristina. **Poéticas do processo: arte conceitual no museu.** São Paulo: Editora Iluminuras Ltda, 1999.

GILLIGAN, Carol. **In a different voice: psychological theory and women's development.** Cambridge: Harvard University Press, 1993.

JACQUES, Paola Berenstein (org). **Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade / Internacional Situacionista.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

JOHN, Richard. **Desenhos miméticos e a tirania da forma**. 2019. 238 f. Tese (Doutorado) - Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre

KRENAK, Airton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KUHNEN, Tânia Aparecida. **A ética do cuidado como teoria feminista**. In: Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas. Universidade Federal de Londrina, 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT10_Tânia%20Aparecida%20Kuhnen.pdf>
Data de acesso:06/11/2019

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. São Paulo: n-1, 2017.

MONTENEGRO, Thereza. Educação infantil: a dimensão moral da função de cuidar. In: **Psicologia da Educação**. Nº. 20. São Paulo, 2005. p. 77 - 101
Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n20/v20a05.pdf>> Data de acesso: 06/11/2019

PATEMAN, Carole. Críticas feministas à dicotomia público/privado. In: **Teoria política feminista: textos centrais**. Vinhedo: Horizonte, 2013.

PEREC, Georges. **Tentativa de esgotamento de um local parisiense**. São Paulo: Gustavo Gili, 2016.

REQUIÃO, Renata Azevedo. **Estesias**. 2002. 295 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

ROCHA, A., ECKERT, C. **O infra-ordinário na paisagem urbana como condição da produção de etnografias sonoras e visuais**.
Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/30101/000672329.pdf?sequence=1>>
Data de acesso: 15/10/2019.

SALLES, Evandro (coord.) **O que é Fluxus? O que não é? O porquê**. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 2002, 272p. : il

DOS SANTOS, Maria Ivone. **A memória e suas ficções: correspondências, registros e documentos de processo nas artes visuais**. In: Scriptorium. V.1, N.1. Porto Alegre, 2005. p. 39 - 52

DA SILVA, Mariana Silva. **Zonas de Contato: ressonâncias da natureza no infraordinário**. 2018. 293 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

TESSLER, Élida. Formas e formulações possíveis entre a arte e a vida: Joseph Beuys e Kurt Schwitters. In: **Porto Arte**. V.7, N.11. Porto Alegre, 1996. p. 57 - 67

ZANINI, Walter. A Atualidade de Fluxus. In: **ARS**. Vol.2 No.3. São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-53202004000300002>
Data de acesso: 16/09/2019.

ANEXOS

1. MUNTADAS, Antônio. **Atenção**. Vários lugares do mundo. Serigrafia, 66X122cm, desde 2002. Fonte: <http://www.galerialuisastrina.com.br/artistas/muntadas/>

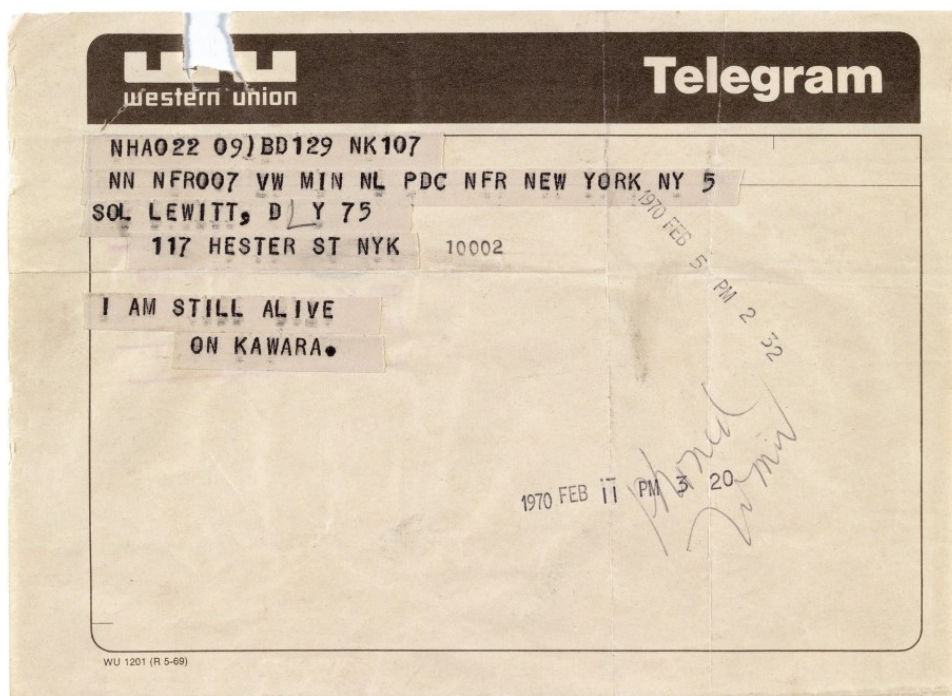


2. SCHWITTERS, Kurt. **Merzbau**, Hannover, 1923.

Fonte: <https://www.tate.org.uk/research/publications/tate-papers/08/kurt-schwitters-reconstructions-of-the-merzbau>



3. KAWARA, On. *Telegram to Sol LeWitt, February 5, 1970.* Telegrama da série *I Am Still Alive*. 1970-2000. Fonte: <https://www.guggenheim.org/arts-curriculum/topic/telegrams-i-am-still-alive> Data do acesso: 15/07/2019



KAWARA, On. Telas da *Today Series*. 1966-2014. Fonte: <https://es.phaidon.com/agenda/art/articles/2014/july/14/on-kawaras-date-paintings-explained/> Data do acesso: 15/07/2019

